



Violence against transsexuals in Sergipe: to trust, or not to trust statistics, that is the question

A violência contra as transexuais em Sergipe: confiar ou não confiar nas estatísticas, eis a questão

Violencia contra las transexuales en Sergipe: confiar, o no confiar en las estadísticas, esa es la cuestión

Margarida Maria Araujo Bispo¹ , Maria Helena Santana Cruz¹ 

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Autor correspondente:

Margarida Maria Araujo Bispo
E-mail: rainhamargo@hotmail.com

Como citar: Bispo, M. M. A., & Cruz, M. H. S. (2022). Violence against transsexuals in Sergipe: to trust, or not to trust statistics, that is the question. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 3(1), e13629. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks3113629>

ABSTRACT

This article addresses the death of transsexual women, especially those who died in the state of Sergipe. The fight for transsexual rights is slow but has shown results. The silencing suffered by transsexuals has been broken thanks to non-governmental organizations, among which is ANTRA. The theoretical approach will be post-structuralist based on scholars who approach the trajectory of the transsexuals in the historical and social context. Sergipe, despite the conquests of the transsexuals, still has a framework of violence, which deserves study due to the number of deaths of this social segment. Thus, the violence suffered by transsexuals must be a problem to be discussed in the educational environment, through the history of struggle as an element of empowerment for these young people.

Keywords: ANTRA. Rights. Silencing. Transsexuals.

RESUMO

Este artigo aborda a mortandade de mulheres transexuais em especial as que vieram a óbito no estado de Sergipe. A luta pelos direitos das transexuais é lenta, mas tem mostrado resultados, o silenciamento sofrido pelas transexuais vem sendo quebrado graças a órgãos não governamentais dentre os quais se encontra a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). A abordagem teórica será pós-estruturalista pautada em estudiosos que abordam a trajetória dos transexuais no contexto histórico e social. Sergipe, apesar das conquistas das transexuais, ainda possui um quadro de violências, que merece estudo devido ao número de mortes desse segmento social. Desta maneira, a violência sofrida pelos transexuais deve ser um problema a ser debatido no meio educacional, por meio da história de luta como elemento de empoderamento para esses jovens.

Palavras-chave: ANTRA. Direitos. Silenciamento. Transexuais.

RESUMEN

Este artículo aborda la mortalidad de las mujeres transexuales, especialmente aquellas que fallecieron en el estado de Sergipe. La lucha por los derechos de las personas transexuales es lenta, pero ha dado resultados, el silenciamiento que sufren las personas transexuales se ha roto gracias a organismos no gubernamentales, entre los que se encuentra ANTRA. El abordaje teórico será posestructuralista a partir de estudiosos que abordan la trayectoria de los transexuales en el contexto histórico y social. Sergipe, a pesar de las conquistas de los transexuales, aún tiene un cuadro de violencia, que amerita estudio por el número de muertes en este segmento social. De este modo, la violencia que sufren los transexuales debe ser un problema a debatir en el ámbito educativo, a través de la historia de la lucha como elemento de empoderamiento de estos jóvenes.

Palabras clave: ANTRA. Derechos. Silenciando. Transexuales.

INTRODUÇÃO

Esta é a razão pela qual a homofobia é um terrível mal: se disfarça de preocupação quando é inerentemente ódio (Tyler Oakley).

Esse artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado que está em fase inicial sobre os LGBTQIA+ em uma escola da cidade de Tobias Barreto/SE. Na frase de Oakley, fica explícito a verdadeira face da homofobia¹: a preocupação disfarçada que desencadeia em ódio. No primeiro momento, faremos uma análise sintética, tendo como ponto focal as mortes de transexuais ocorridas entre os anos de 2017 a 2021 no Brasil, com especial destaque para o estado de Sergipe. Inicialmente resgataremos brevemente ocorrências de homofobia e mortandade de transexuais em períodos que compreendem o processo histórico e buscaremos inserir informações sobre a transexualidade e a homofobia presentes nestes períodos. Na atualidade, o Brasil está entre os países que possuem os maiores índices de mortandade de transexuais no mundo.

O presente estudo teve como metodologia a pesquisa bibliográfica, embasada em documentos, estatísticas dos Dossiês da ANTRA² com recorte temporal dos anos 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021, e artigos científicos que discutem a temática em questão. Especial destaque foi atribuído a região Nordeste por médio de dados divulgados. Tais fontes de análise deixam visível a crescente onda de violência praticada contra os transexuais, aspecto de fundamental relevância para a escrita do presente texto. Neste contexto, ressalta-se, ainda, que foi feita também uma análise histórica, sociológica englobando vários contextos na história humana.

Para nós, a crescente onda homofóbica que permeia em nosso país é uma herança amarga, uma mancha que afeta a imagem da sociedade brasileira. Reconhecer o preconceito é o primeiro passo para mudar a sociedade. O preconceito e a discriminação são fenômenos muito presentes no cotidiano da vida social possuindo várias formas e modos, delimitando normas e padrões pré-estabelecidos socialmente. Esses fenômenos, quando se apresentam em forma de violência, buscam dignificar determinado grupo ou pessoa em relação a outro tido como diferente, menor ou insignificante, que estão presentes em todos os ambientes ou contextos sociais. Direcionados à questões de orientação sexual¹ e/ou de identidade de gênero² dos sujeitos sociais, a homofobia³, como todas as formas de preconceito e/ou discriminação contra os homossexuais e contra todos os sujeitos que vivenciam práticas

¹ Homossexuais: são aqueles indivíduos que têm orientação sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo.

² Associação Nacional de Travestis e Transexuais.

afetivas e sexuais que diferem da heteronormatividade³, é um fenômeno bastante real e constante na vida da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), necessitando de um trabalho de enfrentamento capaz de diminuir tal realidade desafiadora.

No Brasil, a homofobia é crime desde junho de 2019, quando, por maioria, o Supremo Tribunal Federal reconheceu que são considerados crimes os atos atentatórios a direitos fundamentais dos integrantes da comunidade LGBT. Apesar dessas decisões importantes e de direitos reconhecidos terem sido conquistados ao longo das últimas décadas, a violência ainda é uma realidade de gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis e tantos outros que vivem, de maneira livre, a sua sexualidade. Ainda que a criminalização da homofobia não tenha sido capaz de reduzir os dados da violência imediatamente, viabilizou uma realidade em que é possível computá-los e ter estatísticas sérias e oficiais a respeito de todo tipo de agressão, desde lesão corporal, homicídios, crimes contra honra e ameaças motivadas pela homofobia.

Nesta direção, entendemos que a educação ocupa um importante papel de mediação, isto porque compete à educação trabalhar pela realização da dimensão moral, libertando o homem de determinismos, de pressões, de tiranias, por meio de processos e práticas educativos (de caráter objetivo e/ou subjetivo), mediante os quais o educando se transforma – a criança e o jovem em adulto, o adulto em um ser mais completo e melhor – em direção a um desenvolvimento que se pretenda integral e, portanto, com vista ao aperfeiçoamento de cada ser humano nos mais diversos aspectos (espiritual, moral, cognitivo, social, cultural, vocacional, artístico e físico).

As práticas e processos educativos constituem, com as realidades sociais e culturais a que se ligam, um triângulo em cujo centro, pela dinâmica interativa dos seus lados, se desenvolve um indivíduo com uma personalidade própria, se prolonga o processo de hominização e de humanização (pela atualização e desenvolvimento do patrimônio cultural) e se processa uma integração socializadora (alimenta-se o dinamismo social). (Boavida & Amado, 2008, P.155)

Desta maneira se faz necessário que o tema transfobia seja debatido para que as futuras gerações possam ter consciência que a vida humana, assim como sua orientação sexual, deve ser respeitada. Para que essa orientação possa acontecer, é muito importante que o processo histórico que envolve a transexualidade seja exposto, bem como as manifestações homofóbicas ao longo dos anos. Faz-se necessário que esses alunos entendam que a transexualidade não é algo pertencente a este tempo, que ela se faz presente em todos os momentos históricos.

É perceptível que esses momentos históricos permanecem a influenciar alguns conceitos nos dias atuais e os transexuais carregam uma herança que os tornam pecadores aos olhos de fundamentalistas religiosos. Dentre os termos atribuídos aos transexuais está “sodomita”, a sodomia é um termo ligado à cidade de Sodoma, destruída, seus habitantes castigados por Deus por não receberem da maneira correta os anjos enviados do céu. Este fato está narrado em Gênesis 19. Ora, ao longo dos tempos as interpretações sobre o porquê do castigo divino foram debatidas e, nos séculos XIX e XX, tiveram seu ápice. Todavia, o assunto abordado no Genesis tomou proporções gigantescas e os transexuais passaram a ser vistos como aqueles que praticam atos que subvertem as leis naturais e morais.

Segundo Umberto Grassi (2019), um encontro entre o direito romano e a Igreja que fez nascer o que o autor chama de “mortífero arsenal jurídico que será, posteriormente, a base da perseguição judicial à sodomia. É deste encontro que nasce a perseguição, humilhação, mutilação e morte dos transexuais nos dias atuais. Este artigo é um grito póstumo de muitos transexuais que tiveram suas vidas interrompidas pelo preconceito e, acima de tudo, pelo silenciamento de todos que os enxergam e não os vê. Para as sergipanas que tiveram suas jovens vidas cerceadas pela última vez por um ato violento, quando dizemos última vez é

³ A heteronormatividade consiste na imposição de que todas as pessoas devem organizar suas vidas conforme o modelo heterossexual, independentemente de terem práticas heterossexuais ou não. Dessa maneira, a heterossexualidade se apresenta não apenas como uma orientação sexual, mas como um modelo político que organiza a vida em sociedade (Kleaim & Ferreira, 2014).

porque entendemos que o cerceamento também é algo inerente às transexuais, uma vez que a família, a sociedade, escola, dentre outros segmentos as cerceiam, as excluem e, por fim, as veem mortas pela intolerância homofóbica. Neste momento, o monstro abordado por Foucault em *Os Anormais* (2018) se apresenta.

Foucault (2018), em sua obra *Os Anormais*, apresenta na aula em 22 de janeiro de 1975, o tema o monstro humano. Na referida aula, o autor relata o castigo recebido por Antile Collas⁴ que, em 1599, fora acusado/da de hermafroditismo e para os inquisidores⁵ essa condição só podia ser possível se Collas tivesse mantido relações sexuais com o demônio. Ora, a história nos mostra como os inquisidores conseguiram as confissões daqueles/las que eram perseguidos/das, após algum tempo graças as “boas vindas” que recebiam nos calabouços⁶. Cordero (2000, p. 19) diz:

Cambian lãs técnicas; no hay debate contrattictorio; todo se lleva a cabo secretamente; en el centro está, pasivo, el investigado; culpable o no, sabe algo y está obliga do a decir lo la tortura estimula lo s flujos ver bales contenidos. Soberano de la part ida, el inquisidor elabora hipóteses dentro de um marco parano ide; y as í surge el casuísimo impuro de lãs confesio nes contra los correos, a veces obtenidas co m promesas de impunidad.

Para o autor, as técnicas utilizadas pelos inquisidores os levam a dizer àquilo que os seus algozes querem ouvir. Nos dias atuais, a inquisição continua por meio da intolerância e dos crimes de morte praticados contra os transexuais. As pedradas, pauladas, machadadas, o fogo são as armas utilizadas para torturar aqueles que diferentemente de Collas ousaram ser “anormais”, tiveram a ousadia de mostrar sua verdadeira essência para a sociedade que viviam e, por ter essa ousadia, tiveram seu bem mais precioso, a vida, extirpada na mais tenra idade. A coragem dessas mulheres não pode, nem deve ser deixada de lado e, por este motivo, este artigo pretende retirar do esquecimento a morte destas jovens sergipanas que tinham apenas um sonho: serem reconhecidas e respeitadas como as mulheres que eram.

Essa luta pelo reconhecimento das mulheres transexuais não pertence apenas a elas, é uma luta de todo segmento social que compõem o estado de Sergipe, afinal o lema de nossa bandeira é: Sub Lege Libertas (Sob a Lei a Liberdade). Acreditamos que a Liberdade é o pressuposto para a felicidade e, que a felicidade é um direito que pertence a todos. O objetivo do trabalho, portanto, é mostrar o quanto a Educação pode auxiliar na identificação, bem como na busca por soluções para o problema. Nesse estudo identificamos a problemática, s preconceitos homofóbicos no Brasil, o processo histórico carregado de ideologias conservadoras da classe dominante e as contribuições da Educação para combatê-la. Esperamos que os dados aqui expostos sirvam para a criação de políticas públicas que possam ampliar os direitos das transexuais sergipanas a atingirem a fase adulta e, a realizar seus sonhos de adolescência e juventude. Vale ressaltar, que as políticas públicas criadas para as transexuais não chegam até todas, muitas não sabem dos direitos que possuem e, quando sabem não podem acessar o sistema uma vez que trabalham na madrugada e, os órgãos que podem a elas garantir os direitos atendem, muitas das vezes, no período matutino, aqui fica claro que a falta de oportunidade as silenciam e, as tornam reféns da sociedade que as excluem e oprimem.

⁴ Hermafrodita francês do Condato de Dôle condenado pela a Inquisição em 1599 a morrer queimado. Fonte: *Os Anormais*. Foucault, 2018.

⁵ Relativo a Inquisição movimento político-religioso que ocorreu entre os séculos XII ao XVIII na Europa e nas Américas. O objetivo era buscar o arrependimento daqueles considerados hereges pela Igreja e condenar as teorias contrárias aos dogmas do cristianismo. Fonte: *A Inquisição: Um Tribunal de Misericórdia*. Iturralde, 2017.

⁶ Prisão subterrânea; cárcere. Fonte: Aurélio, 2018.

AS FACES DO SILÊNCIO NA LUTA CONTRA A HOMOFOBIA NO BRASIL

Nos últimos anos, temos assistido a uma crescente violência contra os transexuais no Brasil. Segundo o Dossiê dos Assassinatos e da Violência Contra Pessoas Trans Brasileiras 2020, elaborado pela ANTRA e entregue ao Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e à Embaixada da Noruega em 2021, o Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo.

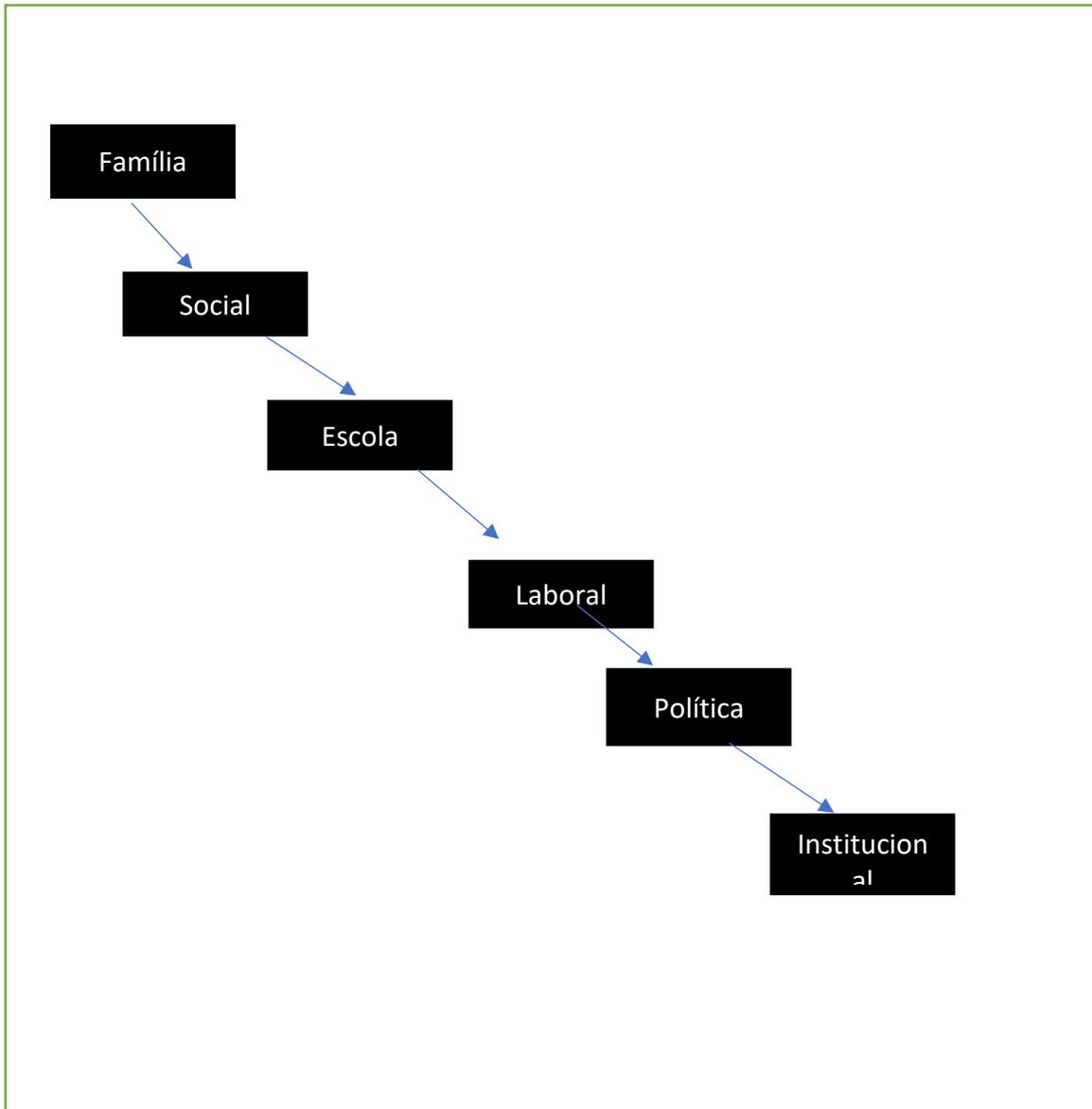
É importante frisar que, em 2011, o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNLGBTTT6) foi criado para combater a violência e violação dos direitos desse coletivo social. No entanto, a violação desses direitos e a violência fazem parte da vida dos transexuais brasileiros de maneira latente. Essa violência tem como principal fonte a família, pois, como dito por Porchart (2014), ao assumir a sua sexualidade para a família, esse segmento apresenta aspectos de rejeição. Ora, se a família que deveria acolher é a primeira a apresentar um ato violento, o que esperar dos outros segmentos com os quais esses jovens têm contato?

Butler (2003) diz que nossa sociedade não é apenas heterossexual, mas marcadamente heteronormativa. É notório que a heteronormatividade impõe um silenciamento no que diz respeito ao padrão de gênero e nas organizações familiares, bem como deixa claro que não existem corporificações para além do binarismo de gênero, e por isso não se fala de homossexualidade, bissexualidade, transgêneros ou transexuais e binarismo. Ora se a família não consegue quebrar as amarras que a prende ao preconceito, como as jovens transexuais poderão ter a segurança necessária para lutar contra a homofobia que as perseguem? Vale ressaltar que as ideologias são co-responsáveis pelas manifestações homofóbicas, principalmente nos últimos anos, em nosso país é por meio delas que as reações violentas que acabam disseminando o ódio tem ganhado força e tem alcançado os índices que deixam o país como sendo o mais violento para as transexuais no mundo.

Para Lionço e Diniz (2009, p. 52) homofobia é “[...] uma manifestação perversa e arbitrária feitas por meio da opressão e discriminação de práticas sexuais” ou de expressão de gênero que foram marcadas pelos padrões hegemônicos, dentre os quais se encontram os atos violentos como as agressões físicas, as restrições aos direitos sociais, a imposição social àqueles que não têm as práticas sexuais heterossexuais. Essas constatações se encaixam nas concepções que acreditamos, uma vez que a heteronormatividade da organização social tem como aliados falsas hipóteses que naturalizam as práticas heterossexuais como a relação de proximidade do silenciamento no que diz respeito à diversidade sexual, heteronormatividade e, principalmente, no que se refere a homofobia.

É com base nessas concepções que criamos uma figura que ilustra o processo de exclusões e violências sofridas pelos transexuais nos coletivos sociais dos quais fazem parte. Para que essa figura pudesse ficar pronta e tivesse uma mostra real das dificuldades que esses jovens transexuais possuem, fizemos uso dos dados catalogados no site da ANTRA. Nossa surpresa está no ranking em que se encontra a família. Ficamos estarecidas quando percebemos que o segmento social que deveria proteger a esses jovens é o primeiro a jogá-los para o mundo real sem o preparo necessário. Para ilustrar essa realidade, criamos a figura abaixo que deve ser observada de cima para baixo:

Figura 1. Exclusões e Violências na vida dos LGBTQIA+



Fonte: Figura elaborada pelas autoras, a partir das informações da ANTRA, 2022.

A ordem das violências vistas na figura acima, coloca os três principais segmentos sociais a que os transexuais têm acesso como os vilões para que alcancem a morte psicológica. Foucault diz que a alma é uma ilusão ou um efeito ideológico, o que Butler (2020) rebate dizendo que é o contrário, ela na realidade existe e que é permanentemente produzida em *torno, sobre e dentro do corpo*, pelo funcionamento do que ela chama de um poder que se exerce sobre os que são punidos. Ora, para muitos transexuais, a punição se dá logo cedo no ambiente familiar e posteriormente a punição passa a ser “obrigação” da sociedade que acaba por reproduzir de maneira violenta esse castigo. O efeito cascata é perceptível na figura, um a um os segmentos sociais a qual pertencem esses jovens transexuais vão se encarregando de violar seus direitos, até que, no final, só o que resta a eles é receber o golpe final: a morte. Para ilustrar melhor essa realidade, fez-se necessário que elaborássemos tabelas com dados da ANTRA reveladores dessa realidade:

Tabela 1. Idade das Vítimas Mais Jovens

Ano	Idade
2017	16
2018	17
2019	15
2020	15
2021	13

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras a partir das informações da ANTRA, 2021.

Os dados revelam que o preconceito e a violência contra transexuais no Brasil com relação aos marcadores de raça e a idade das transexuais mortas. Fica nítido que as negras e pardas são as que mais morrem. Em geral, as travestis enfrenam barreiras para se inserir e permanecer na escola, apresentam baixos níveis de escolaridade, o que as tornam “inaptas” para o trabalho formal, restando apenas a única profissão que não irá exigir delas um diploma formal: a prostituição.

Tabela 2. Vítimas até 35 anos

Ano	Idade
2017	86
2018	85
2019	74
2020	73
2021	81

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras a partir das informações da ANTRA, 2021.

Observando os Dossiês da ANTRA os dados expostos na tabela 2, revelam uma realidade estarrecedora. Entre 2017 a 2021 as transexuais foram assinadas, ceifadas com faixas etárias muito jovens, quando deveriam estar começando a viver seus sonhos. Manifesta-se a intolerância, com relação a diversidade de orientação sexual divergente da heteronormatividade. Conforme a Secretaria Nacional de Direitos Humanos (2020), são feitas 19 denúncias por dia de violência homofóbicas motivadas por ódio aos homossexuais. O estudo usou informações coletadas em 2011 pelo Disque 100, que recebe e verifica relatos de violações dos direitos humanos, e outras fontes oficiais. Ao todo, foram registradas 6.809 denúncias.

Tabela 3. Perfil das Vítimas

Ano	Pretos/Pardos	Brancos	indígenas
2017	80%	20%	-
2018	82%	18%	-
2019	82%	18%	-
2020	78%	22%	-
2021	81%	18%	1%

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras a partir das informações da ANTRA, 2021.

Com relação ao perfil das transexuais vítimas da homofobia no período estudado, observa-se a predominância de pretos e pardos. O perfil da maioria das vítimas de homofobia no país em geral é composto por homens, gays, negros, entre 15 e 29 anos, agredidos dentro de casa por familiares e vizinhos.

Nos últimos anos, a necropolítica, segundo Mbembe (2011), que se instalou e tem sido muito utilizada entre os elementos do poder, faz parte de uma rede articulada para declarar morte e invisibilidade às identidades transexuais e que ajudam a dar continuidade a atos de segregação, bem como a criar obstáculos que inviabilizam o reconhecimento da identidade das

jovens brasileiras que lutam para sobreviver em um país que deveria protegê-las, mas que se torna o responsável pela morte, em alguns casos, na adolescência devido ao ódio eternizado por meio da herança homofóbica. Desta maneira, podemos dizer que a necropolítica transexual faz parte de uma engrenagem social, simbólica e cultural haja vista que tem como função produzir códigos gramaticais e interacionais na sociedade que serão utilizados para gerenciar a morte e invisibilizar os transexuais brasileiros. No último quadro, há uma informação que nos anima, aqui não nos referimos à morte como sendo a causa da nossa animação, mas a resistência da ANTRA em mapear as mortes de “todas” as transexuais e denunciar a opressão e violência contra todas, independentemente de raça (no último quadro vemos que há uma morte de uma transexual indígena registrada), credo e condição financeira.

O MAPA DA HOMOFOBIA EM SERGIPE

Contos de fadas não dizem às crianças que dragões existem. Crianças já sabem que dragões existem. Contos de fadas dizem às crianças que dragões podem ser mortos (G.K Chesterton).

O ensaísta britânico Gilbert Keith Chesterton, que viveu entre os séculos XIX e XX, ao escrever esse pensamento, não imaginou que os dragões continuariam a perseguir as crianças e que as matariam no século XXI. Sim, aqui refiro-me às transexuais sergipanas que, nos últimos cinco anos, tiveram suas vidas apagadas em idades muito próximas à infância. A ANTRA oferece uma estimativa sobre a morte de transexuais no estado que, nos parece equivocado, mediante as notícias que acompanhamos nas mídias sergipanas. Todavia, ao fazermos a pesquisa fomos surpreendidas com a falta de informações concretas das delegacias ligadas à Secretaria de Segurança Pública de Sergipe (SSP/SE), as quais nos dirigimos sobre os dados da violência no Estado contra os transexuais. Um dos escrivães a que direcionamos nossas perguntas nos recebeu sempre solícito nas visitas que fizemos à delegacia e se dispôs a buscar informações, porém não conseguiu os dados que necessitávamos.

Vale ressaltar que, em uma de nossas visitas, ele nos disse que muitas transexuais morreram sem possuir documentação que as identificassem, mas que essa realidade passou a modificar-se desde o provimento Nº 73 de 28/06/2018, no seu Art. 1º que dispõe a averbação de alterações do prenome e do gênero nos assentos de nascimento e casamento de pessoas transgênero no Registro Civil das Pessoas. Nos últimos cinco anos, a prefeitura de Aracaju, por meio da Assistência Social, encaminhou, segundo dados internos, cerca de trezentas transexuais para adquirir a nova documentação. No entanto, no interior ainda é tímida a procura para a mudança de nomes, segundo informações de assistentes sociais de três cidades de médio porte em Sergipe. Para que este artigo fosse escrito, a ANTRA foi de importância significativa, uma vez que colhemos os dados relativos ao estado de Sergipe, os quais expomos na tabela elaborada para este intuito.

Tabela 4. Com dados ano/vítimas em Sergipe

Ano	Número de vítimas
2017	02
2018	05
2019	01
2020	02
2021	01

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras a partir das informações da ANTRA, 2022.

Como pode ser visto na tabela, nos últimos cinco anos onze transexuais tiveram suas vidas ceifadas precocemente. Em conversa com o escrivão, ele nos disse que muitas mortes não são catalogadas como crimes homofóbicos, ou porque a família não permite ou por não ser caracterizada como tal. Notamos nas buscas feitas na delegacia visitada que os crimes de

homofobia são mais evidentes na zona metropolitana em decorrência dessa região possuir Delegacia para Vítimas Vulneráveis, em Sergipe. Segundo o escritor, essas delegacias ainda não chegaram a todas as cidades do interior, o que inviabiliza, também, uma investigação mais apurada quanto aos casos de mortes que envolvem transexuais. Tendo essa informação em mãos, notamos que a violência contra as transexuais vai além da morte, uma vez que passam pela vida sendo cerceadas e silenciadas. Nesse ponto, lembramos de Foucault (1992) quando afirma que o corpo é uma construção cultural historicamente datada. Ora, esta data abordada pelo filósofo francês pode ser compreendida entre o momento do nascimento e da morte, e aqui faremos menção às transexuais que morrem no interior de Sergipe, estado que destacamos no artigo, que mesmo após suas mortes têm direitos violados, como a não utilização do nome social nas lápides de seus jazigos.

Entendemos que a morte possui várias faces, principalmente para as transexuais. A morte imposta a muitas pela família que as “empurram” para as ruas, a morte social por não serem aceitas pelos que compõem a sociedade em que vivem, a morte educacional por não serem aceitas por aqueles que deveriam tentar diminuir os preconceitos, preconceito laboral que as obrigam a trilhar o caminho da prostituição, a morte política que não as reconhecem como cidadãs e, finalmente, a morte institucional, aqui explícita de maneira contundente, uma vez que os números de mortes de mulheres transexuais no estado de Sergipe é muito maior do que o que aparece na estatística da ANTRA.

A morte de transexuais particularmente em Sergipe, deve ser estudada para que possamos entender a motivação dos que a praticam. Sabemos que a homofobia é estrutural, porém sabemos também que podem existir outros fatores que corroborem com essa prática no solo sergipano. Cabe realizar uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema para que tenhamos, no futuro, uma resposta mais concisa da barbárie praticada contra nossas meninas/mulheres transexuais na terra.

A representação social do Movimento LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros no Brasil pela maioria é negativa, e isso se dá pelo fato do “espírito” muitas vezes conservador que existe em nossa sociedade. Uma das mulheres transexuais mais notáveis do Brasil: Linda⁷ Brasil, sergipana que leva em seu nome o amor por seu país, luta cotidianamente para que as transexuais sergipanas tenham a oportunidade de crescer e, como ela, possam galgar novos horizontes. Linda Brasil, é ativista transfeminista, atual vereadora da capital sergipana, Aracaju, obtendo uma vitória histórica para as transexuais brasileiras e, em especial, para as sergipanas que veem em Linda Brasil um exemplo a ser seguido, uma vez que a vereadora sergipana conseguiu ir na contramão de tudo o que é preconizado as transexuais. A representatividade trans na câmara de vereadores aracajuana é um grande passo para que as mortes dessas jovens sejam avaliadas em plenário e para que as autoridades sergipanas passem a exigir um maior rigor nas investigações sobre os crimes que ocorrem contra as transexuais, não que as autoridades os deixem de lado, mas ficou explícita a preocupação dos órgãos investigativos quanto a pouca quantidade de delegacias para vulneráveis no estado, em especial no interior sergipano.

As identidades, segundo Silva (2000) são construções histórico-culturais, e elas são perpassadas pelas relações de poder. Logo, entende-se que em uma sociedade de maioria heterossexual, os outros grupos que se afastam dessa orientação sexual são aqueles tidos como marginais. Esses grupos têm suas representações sociais criadas pela classe que detém o poder social. E as identidades daquela sociedade tenderão a ser a identidade do grupo que está sob o comando social, político e até mesmo econômico.

Segundo o mesmo raciocínio de Borillo (2010), em uma sociedade dominada pelo masculino, a homofobia será um instrumento de vigilância. Sendo esse instrumento de vigilância social, os outros grupos femininos e os homossexuais sofrem grande rejeição social.

⁷ Professora, ativista transfeminista, vereadora sergipana e criadora da CasAmor.

E nesse caso, esses grupos, dentre eles o dos homossexuais, sempre serão classificados como aqueles que não representam a identidade daquela comunidade, e são taxados como os marginais, pervertidos e, conseqüentemente, sofrerão muito com determinadas atitudes da classe dominante

CONCLUSÃO

“Apenas viver não é suficiente, disse a borboleta, É preciso ter sol, liberdade e uma pequena flor” (Hans Christian Andersen).

Hans Christian Andersen, ao utilizar a borboleta como personagem para expressar quão significativo é a liberdade, ao mesmo tempo traz para o texto a metamorfose pela qual ela passa, libertar-se do casulo em que se esconde, deixar de ser uma lagarta, que para muitos é um ser asqueroso, e adquirir a beleza ao abrir as asas é um ato de libertação. Assim como a borboleta, as transexuais buscam abrir as asas, porém, a sociedade as castra quando não as permitem passar pela metamorfose que desejam, uma vez que a homofobia estrutural existente, não perdoa a quem ousa ser diferente. É sabido que muitas das jovens que fazem parte dos índices de mortes coletados e expostos pela ANTRA em seus dossiês anuais, tem seu atestado de óbito e, muitas das vezes sua identidade de gênero modificada por familiares, aqui nos referimos a transexual aracajuana que após sua morte foi enterrada de terno e, a tobiense que teve seu nome social excluído no seu jazigo e, posteriormente anexado pelos amigos. Para alguns pais, a morte da filha se dá a partir do momento que saem de casa e vão viver de acordo com a sua orientação sexual, neste momento a borboleta nasce e, deixa para traz todos os conflitos que possuíam no casulo/casa em que viviam. No entanto, ao adquirirem a liberdade que se auto impuseram, muitas destas meninas perdem o contato familiar e passam a ser vítimas de violências constantes, o que, em muitos casos, acaba sendo fatal devido às condições de vida que são obrigadas a se submeter para que possam sobreviver.

Neste contexto, trazemos Foucault para o diálogo quando ele retrata os monstros em sua obra *Os Anormais* (2018) nessa obra o autor diz que os monstros aparecem na família, no bairro, na igreja, ou seja, em diferentes coletivos sociais e que aparecem com o intuito de “corrigir” o indivíduo. Neste contexto, perguntamo-nos o que devemos corrigir na transexual? Sua vontade de viver como a borboleta que desbrava o céu com suas novas asas após o casulo? A comparação zoomorfixante parece relevante, uma vez que a transição de uma transexual é como o abrir de asas de uma borboleta e, muitas não conseguem infla-las por completo para realizar os voos que traçaram ao longo da existência terrena. Nossas indagações são fonte de nossa indignação com a banalização das vidas dessas jovens que não podem desabrochar devido à violência patriarcal que se encontra por traz da homofobia.

Para Saffioti (2004), o patriarcado não é responsável apenas pela discriminação salarial, mas também pela segregação ocupacional no que diz respeito à marginalização de importantes papéis econômicos e políticos- deliberativos, diz ainda que ele possui o controle da sexualidade, penetrando, assim, em todas as esferas da vida social. Mediante essa contatação, faz-se necessário que as políticas públicas criadas para os transexuais tenham uma fiscalização mais apurada, uma vez que não se pode ficar refém de uma cultura que oprime, cerceia, estigmatiza e acaba por matar não só o corpo, mas os sonhos de muitas jovens que ousaram ser como as borboletas: livres!

AGRADECIMENTOS: Não aplicável.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES: Margarida Maria Araujo Bispo: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante. Maria Helena Santa Cruz; redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante. Todas as autoras leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

CONFLITOS DE INTERESSE: as autoras declaram que não há conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

- Andersen, H. C. (2019). Os 77 melhores Contos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Antra. (2018). Dossiê “Mapa dos assassinatos de travestis e transsexuais no Brasil em 2017”. Associação Nacional de Travestis e Transsexuais. Recuperado de: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>.
- Benevides, B. G., & Nogueira, S. N. B. (2019). Dossiê “Assassinatos e violência contra pessoas Trans em 2018”. Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA). Recuperado de: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/12/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf>.
- Benevides, B. G., & Nogueira, S. N. B. (2020). Dossiê “Assassinatos e violências contra pessoas Trans em 2019”. Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA). Recuperado de: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>.
- Benevides, B. G., & Nogueira, S. N. B. (2021). Dossiê “Assassinatos e violências contra pessoas Trans em 2020”. Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA). Recuperado de: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>.
- Benevides, B. G. (2022). Dossiê “Assassinatos e violências contra pessoas Trans em 2021”. Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA). Recuperado em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>
- Butler, J. (2020) Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2002). Como os corpos se tornam matéria (Entrevista). In: Meijer, I. C.; Prins, B. *Estudos Feministas*, 10(1), 155-167.
- Borrillo, D. (2000). L'homophobie. Paris: Presses Universitaires de France. Recuperado de: puf.com/cintent/Lhomophobie.
- Chesterton, G. K. (1924). Introduction. In: Macdonald, G., George M.D., & His W. Nova York: The Dial Press.
- Cordero, F. (2000) Procedimiento Penal, Tomo II . Santa Fé de Bogotá: Temis.
- Foucault, M. (2018). Os anormais. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- Grassi, U. (2019). Sodoma. Persecuzioni, affetti, pretiche sociali(secoli V-XVIII). Roma: Carocci.
- Lionço, T., & Diniz, D. (2009). Homofobia & educação: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres/EdUnB.
- Mbembe A. (2011). Necropolítica. Sta. Cruz de Tenerife: Melusina; 2011.
- Porchat, P. (2014). Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler. Curitiba: Juruá.
- Rodvalho, A. M. (2017). O cis pelo trans. *Estudos Feministas*, 25(2), 365-373.
- Saffioti, H. I.B. (2004). Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Perseu Abramo.
- Verri, P. (2000). Observações sobre a tortura. São Paulo: Martins Fontes.

Recebido: 22 de março de 2022 | **Aceito:** 10 de maio de 2022 | **Publicado:** 29 de maio de 2022



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.